

***A Obscena Senhora D* à luz da paratopia**

Amanda Jéssica Ferreira MOURA¹

Não pactuo com as gentes, com o mundo, não há um sol de ouro no lá fora, procuro a caminhada sem fim (Hilda Hilst).

Resumo: Nosso trabalho dá enfoque ao livro *A Obscena Senhora D* (2001), de Hilda Hilst, para investigarmos, através da Análise do Discurso de linha francesa, um tema que permeia a literatura hilstiana: a loucura. Para fundamentarmos nossa pesquisa, recorreremos a alguns importantes pesquisadores da obra de Hilst, como Pécora (2010); da loucura, como Frayze-Pereira (1982); da Análise do Discurso, como Maingueneau (2008). Conforme afirma Maingueneau (2008), a paratopia é “uma difícil negociação entre o lugar e o não-lugar, uma localização parasitária que vive da própria impossibilidade de se estabilizar”; assim, pode-se afirmar que os loucos estão nessa zona paratópica, uma vez que a loucura é relegada à margem do que comumente se compreende como normal. Partindo da hipótese de que a personagem central do livro desenvolve um discurso próprio dos insanos ou dos não-ajuizados, nossos objetivos são pesquisar as marcas paratópicas de loucura no citado livro de Hilst e demonstrar como isso constitui um aspecto relevante na obra da escritora. Os resultados obtidos demonstram um rico material de observação do tema da loucura na literatura hilstiana, aspecto que pode transcender esta pesquisa para outras fontes bibliográficas. Por fim, através de trechos da obra, concluímos que Hilst desestabiliza esse conceito de normalidade ancorado no senso comum e nos revela loucura e lucidez entrelaçadas.

Palavras-chave: loucura; paratopia; Hilda Hilst.

Abstract: Our work gives focus to the book “A Obscena Senhora D” (2001), by Hilda Hilst, to investigate, through French discourse Analysis, a theme that permeates the Hilstian Literature: Madness. To substantiate our research, we call upon some important researchers of Hilstian works, such as Pécora (2010), of madness, such as Frayse-Pereira (1982), and of Discourse Analysis, such as Maingueneau (2008). According to Maingueneau (2008) the paratopia is “a difficult trade between the place and the non-place, a parasitic location which depends on its own impossibility to establish itself”; this way, it can be said that the mad ones are in a “paratopic” zone, since madness is left outside of what is usually seen as normal. From the hypothesis that the book’s main character develops a discourse that is natural of the mad or the insane, our aims are to research the “paratopic” marks of madness on the mentioned book and show how it constitutes a rich observation material of the madness within Hilstian literature, a feature that can transcend this research to other bibliographical sources. In conclusion, through samples of the book, we conclude that Hilst unbalances the concept of normality moored to common-sense and reveals madness and sanity intertwined.

Keywords: madness; paratopia; Hilda Hilst.

Introdução

Em 21 de abril de 1930, em Jaú, nascia a paulista Hilda Hilst (filha do poeta Apolônio Hilst com Bedecilda Cardoso), que produziria

¹ Graduanda em Letras pela Universidade Federal do Ceará. Fortaleza-CE. Correio eletrônico: amandajfmoura@gmail.com

uma obra de grande extensão e valor literário. Hilst formou-se em Direito na Faculdade do Largo do São Francisco, mas largou o mundo jurídico e dedicou sua vida à literatura. Escreveu teatro, poesia e prosa de ficção.

Apesar dessa vasta produção, a escritora brasileira morreu, em 4 de fevereiro de 2004, em quase completo não-reconhecimento por parte do público leitor brasileiro. Em seu artigo *Da ficção*, Ribeiro (1999, p. 81) aponta a “mediocridade da maioria acachapante da humanidade, que opta sempre pelo fácil” como uma das principais causas para o ostracismo literário em que se encontrou por muito tempo a obra da artista.

Esse lugar esquecido onde a literatura de Hilst habitou entra em conformidade com a vida pessoal da própria escritora, que conheceu em seus percursos o não-lugar: seja através da esquizofrenia do pai; seja porque foi chamada de louca pela crítica e pelos amigos quando afirmou crer em OVNI e ouvir a voz de sua mãe morta; seja, ainda, porque decidiu, aos 36 anos, mudar-se para uma chácara no interior de São Paulo a fim de afastar-se do turbilhão e movimento que era a capital. Nessa fazenda, chamada Casa do Sol, Hilda vivia na companhia de suas dezenas de cães (as informações variam entre quarenta e noventa cães).

Não é de nosso interesse, no entanto, elencar motivos pelos quais os preciosos escritos de Hilst foram deixados de lado nem analisar sua produção literária através de sua biografia pessoal. Pretendemos contribuir, ainda que de forma mínima, para que a literatura hilstiana ganhe a visibilidade que merece dentro dos cursos de Letras, das pesquisas literárias e da vida de leitores vorazes.

Investigamos, através da Análise do Discurso de linha francesa, um tema que permeia a literatura hilstiana: a loucura. Visamos demonstrar, através de trechos da obra, que Hilst desestabiliza o conceito de normalidade ancorado no senso comum e nos revela loucura e lucidez entrelaçadas.

Para procedermos à pesquisa, utilizamos o livro *A Obscena Senhora D* (2001), de Hilda Hilst, como objeto de estudo. Além disso, fundamentamos a nossa pesquisa em teóricos da loucura, como Frayze-

Pereira (1982), e em críticos da obra hilstiana, como Pécora (2010).

De que modo a escritora trabalha essa temática e até que ponto ela pode ser relacionada à Análise do Discurso? Para que esses questionamentos sejam elucidados satisfatoriamente, nossa base teórica fundamenta-se no conceito de paratopia, de Charadeau e Maingueneau (2008).

Fundamentação Teórica

A obra

A Obscena Senhora D foi publicada originalmente no ano de 1982, em São Paulo, pela Editora Massao Ohno. Em 1997, a obra chegou à França, publicada pela Editora Gallimard, com tradução de Maryvone Lapouge, que também traduziu *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa.

Sobre esse livro, Pécora (2010) assinala que “Certamente está entre os grandes, mas esta é uma obra extraordinária em seu conjunto: literatura de raça mesmo” (pp. 11-12).

Preferimos não nos arriscar em classificar a obra como romance ou novela, uma vez que, em conformidade com a literatura contemporânea, esse texto desvirtua padrões tradicionais e foge de modelos fixos literários.

Essa impossibilidade de rotular pacificamente o livro de Hilst dentro de determinados moldes relaciona-se, talvez, com o estado de paratopia da personagem principal dessa obra: Hillé.

Pécora nos diz, na orelha do livro *A Obscena Senhora D* (2001), que essa obra

(...) é o relato contundente de uma inteligência radical que desaprende a conceder. Com grande economia de recursos, o texto encena a mudança de uma mulher de sessenta anos que se decide a viver num vão de escada, onde peregrina em busca do sentido das coisas escondido por um esquivo e abscôndito Menino-Porco.

Em suma, podemos dizer que o livro nos revela as reflexões de uma senhora de sessenta anos, tida como louca pela vizinhança, que decide habitar o vão da escada e importa-se apenas em compreender

o sentido das coisas.

Paratopia e loucura

Uma vez escolhido o conceito de paratopia para guiar nossa pesquisa, é importante que esboçemos alguma definição do termo em questão. Segundo Charadeau e Maingueneau (2008), paratopia é uma

Noção introduzida por Maingueneau (1993) para designar a relação paradoxal de inclusão/exclusão em um espaço social que implica o estatuto de locutor de um texto que decorre dos discursos constituintes. É “uma difícil negociação entre o lugar e o não-lugar, uma localização parasitária que vive da própria impossibilidade de se estabilizar” (p. 368).

Em *O Contexto da Obra Literária* (2001), Maingueneau discorre acerca do fato de que a literatura está nesse lugar marginal, pois “basta que na sociedade se crie uma estrutura paratópica para que a criação literária seja atraída para sua órbita” (p. 36). Assim, a situação do escritor também é paratópica, o que o leva a

identificar-se com todos aqueles que parecem escapar às linhas de divisão da sociedade: boêmios, mas também judeus, mulheres, palhaços, aventureiros, índios da América..., de acordo com as circunstâncias” (p. 36).

Levando em consideração que os loucos, bem como os escritores, também se situam nessa localização instável, é possível aplicarmos a eles o conceito de paratopia. Observemos que as pessoas designadas como loucas convivem com a problemática da não designação de um lugar determinado, pragmático, dentro da comunidade. Portanto, podemos dizer que é nessa impossibilidade de se estabilizar, nessa localização parasitária apontada pelos analistas do discurso de linha francesa, que estão os loucos.

Segundo assinala Rocha (1996, p. 380), loucura significa “1. perda de juízo. 2. ação muito imprudente. 3. exaltação de ânimo. 4. extravagância”. No entanto, sabemos que classificar o que é a loucura ou o que é ser louco não é tão simples como pode parecer à primeira vista.

Ao longo do tempo, o homem foi tentando buscar explicações sobre o que acontece com pessoas que se desviam do modo de pensar e de agir comumente aceitos pela sociedade, e o conceito de

loucura sofreu diversas transformações no decorrer das épocas e das sociedades.

Esse conceito já foi compreendido através de um modelo mítico-religioso (acreditava-se na intervenção de forças sobrenaturais na pessoa compreendida como louca), de um modelo organicista (nesse caso, a causa da loucura estaria necessariamente no corpo) e, finalmente, de um modelo psicológico (no qual a loucura passou a ser compreendida como oriunda de descontroles emocionais).

Observando a problemática do termo e não pretendendo adentrar no complexo campo da psicologia, nosso interesse não é classificar clinicamente o que é, de fato, a loucura. Pretendemos, no entanto, partir da sentença aceita como verdade dentro da obra: segundo a vizinhança, a personagem Hillé ficou louca. Vamos nos deter nela, Senhora D, para analisar, baseando-nos na Análise do Discurso de linha francesa, o lugar (ou o não-lugar) que é relegado aos loucos.

Foucault (*apud* FRAYZE-PEREIRA, 1982, p. 28) afirma que “é próprio da nossa cultura dar à doença o sentido do desvio e ao doente um status que o exclui”. Dessa forma, a personagem tida como insana é excluída do meio social, e sua doença é tratada como algo que se desviou do que é compreendido como normal.

A partir desse desvio da conduta vista como normal, tentaremos fazer um paralelo entre loucura (desvio) e paratopia (não-lugar) a fim de contribuir com mais uma leitura da obra de Hilda Hilst, que tanto se queixou da falta de conhecimento e de estudo sobre sua produção literária.

Metodologia

Desejando contribuir para a ampliação dos debates acerca da obra de Hilda Hilst, buscamos desenvolver uma pesquisa de caráter qualitativo (uma vez que trabalhamos com descrições e interpretações) e bibliográfico (já que houve um levantamento da bibliografia acerca do problema em questão) que tomasse sua produção como objeto de análise.

Inicialmente, priorizamos *A Obscena Senhora D* (2001) como

objeto de pesquisa. Para melhor compreendermos a obra em questão, baseamo-nos em pesquisadores da obra hilstiana – como Pécora (2010) e Queiroz (2000).

A partir dessa análise, observamos que a personagem central de *A Obscena Senhora D* (2001), Hillé, desenvolve um discurso próprio dos insanos. Observamos que esse discurso, por sua vez, poderia estar fortemente relacionado ao conceito de paratopia, desenvolvido pela Análise do Discurso de linha francesa.

Apesar de a loucura permear toda a produção literária de Hilda Hilst, acreditamos que esse livro é o que melhor explicita a condição marginalizada em que se encontram os loucos – o que proporciona um bom material para trabalharmos o conceito de paratopia.

Para que houvesse uma análise satisfatória, escolhemos alguns trechos da obra e demonstramos de que modo a paratopia se faz presente no livro e se relaciona com a loucura. Assim, pesquisamos as marcas paratópicas de loucura no citado livro de Hilst, fundamentando-nos nas observações de Maingueneau (2001).

Análise

Logo na primeira parte do livro, é possível apreender a paratopia presente no texto através de Hillé. Ainda no início, o texto aponta uma pista do não-lugar em que Hillé se encontra, quando ela diz que é alguém afastada, o que equivale dizer que está à margem. No decorrer do livro, compreendemos que ela, de fato, está em situação marginal, pois se diferencia dos demais pela sua recusa em viver de acordo com o senso comum, como a maior parte dos personagens retratados na obra, e é dada a divagações filosóficas e metafísicas.

VI-ME AFASTADA DO CENTRO de alguma coisa que não sei dar nome, nem por isso irei à sacristia, teófaga incestuosa, isso não, eu Hillé também chamada por EHUD A Senhora D, eu Nada, eu Nome de Ninguém, eu à procura da luz numa cegueira silenciosa, sessenta anos à procura do sentido das coisas (p. 17).

(...) eu dizia olhe espere, queria tanto te falar, não, não faz agora, EHUD, por favor, queria te falar da morte de Ivan Ilitch, da solidão desse homem, desses nada do dia a dia que vão

consumindo a melhor parte de nós queria te falar do fardo quando envelhecemos, do desaparecimento, dessa coisa que não existe mas é crua, é viva, o Tempo (p. 18).

Hillé questiona, por exemplo, a relação de Deus com o ser humano e não teme nenhuma represália divina. Fica evidente que a personagem não quer blasfemar, mas fazer perguntas e trazer problematizações para obter respostas. É óbvio que, ao longo do livro, essas respostas não são dadas nem a Hillé nem a nós, leitores. A escritura de Hilst nos deixa face a face com o problema. E sai de cena.

(...) desesperada Ehud, porque todas as perdas estão aqui na Terra, e o Outro está a salvo, nas lonjuras, en el cielo, a salvo de todas as perdas e tiranias, e como é essa coisa de nos deixar a nós dentro da miséria? (p. 75).

(...) como será a cara DELE hen? é só luz? uma gigantesca tampinha prateada? não há um vínculo entre ELE e nós? não dizem que é PAI? não fez um acordo conosco? fez, fez, é PAI, somos filhos. não é o PAI obrigado a cuidar da prole, a zelar ainda que a contragosto? é PAI relapso?(p.38).

Ehud é o marido morto de Hillé. Antes mesmo da morte de seu esposo, a mulher muda-se para o vão da escada e põe-se a refletir.

Nessa busca pela compreensão, nessa inquietude, ela rejeita o mundo e passa a viver só. Abandona os hábitos comuns - como tomar banho e sair de casa - e passa a não ter mais relações sexuais com Ehud. Após a morte dele, ela tece divagações sobre o marido. Vida, morte, matéria, Deus, homem: tudo a inquieta.

(...) olhe, esse teu fechado tem muito a ver com o corpo, as pessoas precisam foder, ouviu Hillé? te amo, ouviu? antes de você escolher esse maldito vão da escada, nós fodíamos, não fodíamos Senhora D? (p. 22).

E o que quer dizer isso de Ehud não estar mais? O que significa estar morto? O traço, a fita mínima na bochecha pálida, o lustro encontrou outro rosto? Estar morto. Se Ehud Foi algum dia, continua sendo, se não Foi, nunca seria (...) (p. 24).

Veza por outra, a Senhora D profere palavrões ou irrita as pessoas que passam em frente a sua casa. Daí ser chamada de louca, de obscena.

(...) a senhora também podia colaborar com a vizinhança né, essas caras que a senhora anda pondo quando resolve abrir a janela assustam minhas crianças, ai ai senhora D não faz assim agora, isso é coisa de mulher desavergohada, ai que é isso madona, tá mostrando as vergonhas pra mim (p. 28).

Abro a janela enquanto ele se afasta, invento rouquidões, grunhidos coxos, uso a máscara de focinhez e espinhos amarelos (canudos de papelão, pintados pregos) respingo um molho de palavrões, torpes, eruditos, pesados como calcários alguns (...) (p. 32).

O fato de a personagem decidir largar os hábitos convencionais e ir morar no vão da escada demonstra seu estado paratópico. Ora, o vão da escada é um lugar à parte e não é usual que se habite nele. Hillé, portanto, está diferenciada dos demais não apenas no plano mental - uma vez que ficou louca, uma vez que reflete e não vive apenas para exercer atividades banais, mas também no plano físico, pois habita um lugar que não foi feito para se habitar.

(...) olhe, não quero te aborrecer, mas a resposta não está aí, ouviu? nem no vão da escada, nem no primeiro degrau aqui de cima, será que você não entende que não há resposta? (p. 18).

A não aceitação do pacto com o senso comum é retratada em Hillé desde criança. Na passagem a seguir, ela está com a mãe e chora ao olhar dentro dos olhos dos animais. Certamente, há uma cadeia de reflexões que fazem a menina incomodar-se com o que é trivial à maioria. Tempos depois, Hillé olha o olho do homem e também se surpreende.

(...) e via perguntas boiando naquelas aguaduras, outras desde há muito mortas sedimentando aquele olho, e entrava no corpo do cavalo, do porco, do cachorro, segurava então minha própria cara e chorava

que foi Hillé?

o olho dos bicho, mãe

que é que tem o olho dos bicho?

o olho dos bicho é uma pergunta morta.

e depois vi o olho dos homens, fúria e pompa, e mil perguntas mortas (...), caminhei dentro do olho dos homens, um mugido de medo garras sangrentas segurando ouro, (...) de seus peitos duros saíam palavras Mentira, Engodo, Morte, Hipocrisia (...) (p.p. 30 e 31).

Como era de se esperar, as divagações da Senhora D não eram bem aceitas pelo marido Ehad, que não se acostumava com o comportamento de sua esposa e tentava convencê-la a mudar.

se cuidasse um pouco do teu corpo, Hillé, andas curvada o que é corpo? (p. 38).

(...) o gozo. o ímpeto. depois sono e tranqüilidade de Ehad. Seus débeis sonhos? modéstia. humildade. e cólera muitas vezes: vida, morte, teu trânsito daqui pra lá, porra, esquece, segura meu caralho e esquece, te amo, louca (p. 35).

O comportamento de Hillé também não é visto com bons olhos pela vizinhança, que passa a tratá-la com escárnio e desprezo.

Podemos perceber que a tendência social é tratar como insano aquele que não pactua com as verdades comumente entendidas como absolutas. São inúmeros os casos de pessoas que tiveram sua liberdade e sua força de expressão cruelmente cerceadas e combatidas por serem julgadas como insanas.

Sobre esse comportamento, acreditamos que seja coerente à personagem Hillé o que Antonin Artaud, um artista francês que ficou internado em um manicômio durante nove anos, escreveu:

E o que é um autêntico louco? É um homem que preferiu enlouquecer, no sentido em que socialmente se entende a palavra, a trair uma certa idéia superior de honra humana. Eis porque a sociedade condenou ao estrangulamento em seus manicômios todos aqueles dos quais queria se livrar ou contra os quais queria se defender, pois eles haviam se recusado a acumpliciar-se com ela em certos atos de suprema sujeira. Pois o louco é também um homem a quem a sociedade não quis ouvir e a quem quis impedir a expressão de insuportáveis verdades (*apud* FRAYZE-PEREIRA. 1982, p. 11).

De fato, não há um interesse em escutar Hillé, pois ela representa as verdades que ninguém quer ouvir. Prefere-se falar de trivialidades, fechar os olhos para os problemas, para as buscas por respostas.

um dia me disseram: as suas obsessões metafísicas não nos interessam, Senhora D, vamos falar do homem aqui agora. que inteligentes essas pessoas, que modernas, que grande cu aceso diante dos movietones, notícias quentinhas, torpes, dois ou três modernos controlando o mundo, o ouro saindo pelos

desodorizados buracos, logorréia vibrante moderníssima, que descontração, um cruzar de pernas tão à vontade diante do vídeo, alma chiii, morte chiii, falemos do aqui agora (p. 26).

Fica claro, então, que Hillé caminha na contramão do senso comum enraizado em seus vizinhos.

Diante da vila, das casas quase coladas, entre as gentes sou como uma grande porca acinzentada, diante de muitos a quem conheci sou uma pequena porca ruiva, perguntante, rodeando mesas e cantos, focinhando carne e ossatura, tentando chegar perto do macio, do esconso, do branco luzidio do teu osso, diante de minha mãe fui apenas pergunta, altaneria, paradoxo, Hillé diante do pai foi o segredo, a escuta, a concha, o que é paixão? (p.29).

(...) inúmeras verdades lançadas à privada, e mentiras imundas exibidas como verdades, e aparências do nada, repetições estéreis, farsas, o dia a dia do homem do meu século? (pp. 33 e 34).

Nesse momento, há uma inversão dos lugares pré-estabelecidos, e Hilst dá um "xeque-mate" na hipocrisia social; pois se Hillé questiona sua condição no mundo, sua relação com o divino e com os homens, ela é verdadeiramente lúcida. E os vizinhos, que vivem existências banais, são os insanos porque não pensam.

É uma sapa velha. Viu a pele pintada? É sarda. Ainda tem umas boas tetas. Credo, teta de sapa. Podemos botar fogo na casa durante a lua nova. Com as casas quase coladas? Dá-se um jeito, fogaréu que vai dar gosto (p. 40).

(...) sabe Antonão, a vida é tão cheia de tranqueira, porca sapa velha, que se a gente não enche o bucho e não dá uns mergulho nos buraco das mulhé, vezenquando uns murro numas gentes, cuspidas escarradas, uma paulada no cachorro, esses descanso, se a gente não faz isso Antonão, a vida fica triste (p. 41).

Mais do que estar à parte, distante do senso comum, a Senhora D deseja essa situação de desvio. Sua desrazão representa o pacto que ela deliberadamente recusa fazer com o senso comum. No trecho a seguir, a personagem conversa com um padre, que a aconselha a mudar de comportamento e a acatar as expectativas da vizinhança. Ela, entretanto, manda-o embora, pois ele é como todos os outros homens.

por que não alimenta o corpo com benquerença, aceitando o agrado dos outros?

por que o corpo está morto

e a alma?

a alma é hóspede da Terra, procura e te olha os olhos agora, e te vê cheio de perguntas

sou um homem como outro qualquer, Senhora D

então rua rua, fora, despacha-te homem como outro qualquer (p. 32).

Ainda sobre o não-pacto, há, na última página, uma frase que parece ser da própria autora, uma vez que sua formatação está em itálico, diferente do restante do livro, e que é seguida por outra frase que também faz alusão à própria Hilst, a partir da menção ao nome de sua morada.

*Livrai-me, Senhor, dos abestados e dos atoleimados (p. 90).
Casa do Sol, 4 de Setembro de 1981 (idem).*

O pedido feito a Deus soa como um arremate final contra a estupidez e bestialidade recorrentes. Parece que Hilst concorda com Hillé sobre o não-pacto com o senso comum.

Por fim, lembramos do que Maingueneau (2001) diz acerca do escritor:

Aí reside toda a ambigüidade da paratopia do escritor: ele é ao mesmo tempo o impuro e a fonte de todo valor, o pária e o gênio, segundo a ambivalência do sacer latino, maldito e sagrado. Na fronteira da sociedade organizada, o artista é aquele em que se misturam perigosamente as forças maléficas e benéficas (pp.35 e 36).

É possível, a partir dessa observação de Maingueneau (2001), fazermos uma analogia entre a figura de Hillé e a figura do escritor. Enquanto o teórico aponta o escritor como alguém em uma condição paratópica e ambígua, também apontamos Hillé (a louca) como um ser situado nessas mesmas condições. A loucura marginaliza a personagem, mas essa mulher louca traz em si insanidade e lucidez ao mesmo tempo. Assim, Hillé vive em condição paratópica e ambígua.

Conclusão

Levando em consideração que há uma persistência do tema em questão na literatura de Hilst - que em 2002 declarou: "A loucura une toda a minha obra" - resolvemos nos dedicar a um estudo que contemplasse a importância da desrazão, se é que podemos chamar assim, na obra hilstiana.

Nosso objetivo era relacionar loucura e paratopia, buscando pontos de união entre ambas. Através da discussão teórica e do exame de trechos da obra, percebemos que essa ligação é possível. O êxito no esclarecimento dessa questão deve-se à base teórica utilizada: textos relativos à Análise do Discurso Francesa, responsável pela elaboração do conceito de paratopia.

No decorrer da análise, percebemos que a loucura na obra hilstiana está entrelaçada à lucidez. Dessa forma, a relação loucura e paratopia tornou-se ainda mais clara, pois Maingueneau (2001) trabalha a paratopia do escritor como ambígua: sagrada e maldita. A partir dessa noção, fizemos uma analogia com a loucura presente no romance hilstiano e contemplamos essa ambiguidade: na obra, tem-se a coexistência da consciência com a insanidade.

Acreditamos em Becker (*apud* PÉCORA, 2010, p. 80) - a quem Hilst dedicou vários de seus livros e por quem afirmou sentir "incontida veemente apaixonada admiração" - quando afirma que cabe "considerar toda a perversão como um protesto contra a subjugação da individualidade pela padronização da espécie".

Dessa forma, compreende-se que tudo o que é julgado pelos vizinhos como obscenidade ou loucura (e aí incluímos os palavrões que Hillé profere aos transeuntes, a escolhida solidão e a falta de interesse por hábitos que permeiam a vida de todos, como a higienização) representa a perversão como uma forma de protesto encontrada por Hillé, que caminha na contramão da padronização causada pelo senso comum.

Pécora (2010), também apoiado em Becker, afirma que boa parte da literatura de Hilst é obscena. No entanto, é necessário compreendermos essa obscenidade como uma forma de protesto da

própria autora para com os padrões sociais vigentes.

Afinal, conforme a própria autora afirma,

Sujo, obsceno, porco é saber que o País tem 40 milhões de analfabetos, 9 milhões de crianças desamparadas, 9 milhões de bóias-frias. Quando se é verdadeiramente lúcido, a vida pode ser uma experiência verdadeiramente obscena (apud PÉCORA, 2010, p.91).

A negação de Hilst frente à subjugação da individualidade, através de laivos de perversão, loucura ou obscenidade, é, talvez, o que move tantas polêmicas em torno de sua literatura (tomemos *O Caderno Rosa de Lori Lamby* como exemplo, pois causou grande desconforto literário quando foi lançado, em 1990).

Pensamos, no entanto, que o brilhantismo da obra hilstiana provém exatamente dessa radicalidade visceral em romper padrões que já estavam tranquilamente estabelecidos. E concordamos com Queiroz (2000, p. 29), que sabiamente afirma: "Não há criação nem literatura em Hilda Hilst fora do exercício da radicalidade".

REFERÊNCIAS

Livros

FRAYZE-PEREIRA, João A. **O que é loucura**. 1 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

HILST, Hilda. **A Obscena senhora D**. 1 ed. São Paulo: Globo, 2001.

MAINGUENEAU, Dominique. **O contexto da obra literária**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PÉCORA, Alcir. **Porque ler Hilda Hilst**. São Paulo: Globo, 2010.

QUEIROZ, Vera. **Hilda Hilst: três leituras**. Editora Mulheres, 2000.

Artigo de periódico

"Da Ficção". In **Cadernos de Literatura Brasileira**: Número 8. Instituto Moreira Salles, 1999. Semestral. ISSN 1413-652x.

Dicionário

CHARADEAU, Patrick & MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. 2 ed. 3 reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.

ROCHA, Ruth. **Minidicionário**. 10 ed. São Paulo: Scipione, 1996.